

## CORPOS NO ECRÃ: DISPOSITIVOS DE CINEMA E O ENSINO DE CIÊNCIAS

## CUERPOS EN LA PANTALLA: DISPOSITIVOS DE CINE Y ENSEÑANZA DE LAS CIENCIAS

**Claudinei César de Arruda**

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)  
cesaoarruda@gmail.com

### RESUMO

O cinema enquanto arte e os elementos da linguagem cinematográfica tendem a ser negligenciados na relação cinema e educação. Este relato apresenta a criação de uma instalação sobre o corpo por meio uma experiência imersiva que prioriza a passagem ao ato criativo, o fazer cinema, considerando aqui, alguns dispositivos de captação de imagens que permitem a discussão, desconstrução e ressignificação dos conceitos de “corpo” presentes nos livros didáticos e documentos oficiais que norteiam a elaboração dos currículos. Apresentam-se possibilidades de inserção do trabalho com a produção de imagens com potencial de cinema nas escolas, para além do recurso ilustrativo.

**Palavras-chave:** cinema; educação; dispositivos; corpo humano, ensino de ciências.

**Eixo temático:** 4. Linguagens e culturas no ensino de Ciências e Biologia.

**Modalidade:** relato de experiência pedagógica.

### RESUMEN

El cine como arte y los elementos del lenguaje cinematográfico tienden a ser descuidados en la relación entre cine y educación. Este informe presenta la creación de una instalación sobre el cuerpo a través de una experiencia inmersiva que prioriza el pasaje al acto creativo, el cine, considerando aquí algunos dispositivos de captura de imágenes que permiten la discusión, desconstrucción y resignificación de los conceptos de "cuerpo" presentes en los libros de texto y documentos oficiales que orientan la elaboración de los currículos. Se presentan posibilidades de insertar el trabajo con la producción de imágenes con potencial cinematográfico en las escuelas, además del recurso ilustrativo.

**Palabras clave:** cine; educación; Dispositivos; cuerpo humano, enseñanza de la ciencia.

**Eje temático:** 4. Lenguas y culturas en la enseñanza de las Ciencias y la Biología.

**Modalidad:** relato de experiencia pedagógica.

## INTRODUÇÃO

O cinema surgiu no final do século XIX como uma confluência de tecnologias produzidas por diferentes entusiastas, dentre eles, Auguste e Louis Lumière (na França), Emil e Max Skladanowsky (na Alemanha), Thomas Edison (nos Estados Unidos da América) e Robert Paul (na Inglaterra). Por esse motivo, o ano de 1895 é apontado por diversos autores, como Knight (1970), Bernadet (1981), Martin (1990), Araujo (1995), Costa (2005; 2006) e Kemp (2011), como um marco na história cinematográfica.

Em 1895, os irmãos Lumière realizaram a primeira demonstração pública do cinematógrafo. No ano seguinte, ocorreu no Brasil a primeira sessão filmica com a inauguração da primeira sala fixa de cinema do país, na cidade do Rio de Janeiro. Atribui-se o feito ao empresário Pascoal Segreto.

As experiências com o cinema denominado “educativo” no Brasil datam do ano de 1910, destacando-se uma produção predominantemente documental e etnográfica. Nesse mesmo ano, a partir da encomenda de um professor da Escola Normal, a empresa Serrador organizou exposições de filmes “instrutivos”, compreendendo temáticas dos componentes de ciências e geografia (Bruzzo, 2004). A utilização instrumental de filmes como elemento de ilustração de conteúdos ou de fomento para debates, práticas facilmente observadas nas escolas atualmente, pode ser pensada como uma herança desse período.

Para Miranda, Coppola e Rigotti (2006), a relação “cinema e educação” está inserida na história do cinema. Os idealizadores da indústria cinematográfica reconheceram o potencial do cinema como agente promotor de educação e instrução em massa, estendendo-se, nesse sentido, para além dos limites da educação formal.

O campo cinema e educação se desenvolveu, portanto, atravessado por influências de diferentes segmentos sociais: relações e interesses políticos, interferências da Igreja Católica (visando a formação de princípios éticos e sociais) e atividades cineclubistas (Pacheco, 2016).

Em 1927 é criada a “Comissão de Cinema Educativo, subordinada à Technica de Instrução Pública, do Rio de Janeiro”. Os trabalhos desenvolvidos pela comissão resultaram na “Exposição de Aparelhos de Projecção Fixa e Animada” (Paixão; Barroso; Freire, 2011, p. 9).

Em 1936, com a aprovação de Getúlio Vargas, é criado o “Instituto Nacional do Cinema Educativo” (INCE), regulamentando a utilização do cinema nas escolas. Posteriormente ao INCE, em 1969, é criado o “Cineduc - Cinema e Educação”.

Segundo Pacheco (2016), o Cineduc surgiu a partir da preocupação demonstrada pela Igreja Católica comem 1969 as possibilidades educativas do cinema. Reconhecida por seu pioneirismo no trabalho com cinema e educação no Brasil, a organização foi criada em 1969 pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

Ainda no que diz respeito à relação cinema e educação, já na primeira década do século XXI, destacam-se iniciativas como o programa “Cultura é Currículo”, criado em 2008 pela Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE). Um dos eixos do programa era o projeto “O Cinema vai à Escola”, que tinha como alguns dos seus objetivos o conhecimento da linguagem cinematográfica, a análise de produções cinematográficas e a incorporação do cinema ao repertório cultural dos educandos. Para tanto, as escolas de Ensino Médio subsidiadas pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, recebiam um conjunto de filmes e materiais de apoio à prática pedagógica (Brasil, 2008). O programa foi encerrado em 2014.

Ainda em 2014, uma alteração na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.349/96), a saber, a inclusão do inciso 8º ao artigo 26, resulta na lei 13.006/14, até hoje não regulamentada, versando sobre a obrigatoriedade da exibição de filmes nacionais (brasileiros) nas escolas de educação básica. Na ocasião da redação deste texto, encontrava-se aberto o formulário de ampla consulta remota para a atualização e ampliação da proposta de regulamentação da lei 13.006/14, com o intuito de elaborar uma proposta de Plano Nacional de Cinema na Escola. A iniciativa é resultado da parceria entre a Mostra de Cinema de Ouro Preto (CINEOP) e a Rede Latino-Americana de Educação, Cinema e Audiovisual (Rede Kino).

Uma das primeiras críticas apresentadas pelos pesquisadores do campo cinema e educação dizia respeito ao caráter impositivo da lei, sobretudo por não considerar questões essenciais, como: quais são os espaços dedicados ao cinema na escola? (aqui a discussão se estende desde os espaços físicos até à organização curricular); as escolas estão minimamente equipadas com os recursos necessários à exibição de filmes?; como se daria o processo de curadoria e distribuição dos títulos? como assegurar a autonomia docente?

São muitos os trabalhos que discorrem sobre a relevância da relação cinema-educação. Entre eles, citamos o texto de Ferrés (1996), “Vídeo e educação”. Antes mesmo da popularização do DVD, já apresentava algumas propostas de integração do vídeo na escola e suas funções informativa, motivadora, expressiva, avaliadora, investigativa, lúdica e metalinguística. Destacam-se também as publicações de Napolitano (2013), “Como usar o cinema na sala de aula”, Moletta (2014), “Fazendo cinema na escola: arte visual dentro e fora da sala de aula” e Migliorin (2015), “Inevitavelmente cinema: educação, política e mafuá”, estes dois últimos, contemplando o “fazer cinema” nos espaços formais e não formais de ensino.

Em artigo que problematiza e discorre sobre as implicações da lei enunciada, Fresquet e Migliorin (2015, p.7-8) lançam mão de três crenças sobre a relação “cinema e educação”: a primeira - uma dimensão política e estética - é no cinema e no seu potencial de intensificação de invenções de mundo, de tornar comum “o que não nos pertence, o que está distante, as formas de vida e as formas de ocupar espaços e habitar o tempo”. Nesse sentido, os estudantes podem (ou deveriam) acessar o que há de mais valioso em termos de repertório cultural. Além disso, “o cinema na escola tenciona a própria arte a estar à altura das experiências sensíveis desses jovens”; a segunda diz respeito à escola, que acredita no potencial do cinema e aceita o risco dessas invenções de mundos, considerando o caráter subversivo da sétima arte. Ainda nas palavras dos autores, “apostar no cinema na escola nos parece também uma aposta na própria escola como espaço onde estética e política podem coexistir com toda a perturbação que isso pode significar”; a terceira, “uma crença na inteligência intelectual e sensível dos que frequentam a escola. Só com ela é possível lidar com a arte, com elementos que não se organizam pelo discurso, mas que demandam o espectador para se concretizarem” (Fresquet; Migliorin, 2015, pp. 7-8).

A partir deste breve panorama, podemos inferir que, tanto o cinema quanto a educação são territórios em disputa. Por meio de narrativas, influenciam e refletem debates sociais, culturais e políticos, tornando-se um espaços de conflitos e negociação de significados e poder.

Desde a sua chegada ao Brasil, o cinema tem atraído o interesse de diversas esferas educativas, sejam elas formais ou informais. Isso se deve não apenas às inúmeras possibilidades pedagógicas que oferece, relacionadas aos componentes curriculares, mas

também porque pode ser tendencioso e subversivo, apresentando (ou não) diferentes e contrastantes visões de mundo, valores, discursos e ideais políticos.

Não podemos deixar de observar, por exemplo, o desmonte do Ministério da Cultura (MinC), acentuado com a questionável posse de Michel Temer como presidente interino, em 2016. O MinC é extinto e reincorporado ao Ministério da Educação (MEC). Após manifestações populares e da classe artística, é recriado no mesmo ano. Com a eleição de Jair Bolsonaro, o MinC enfrenta processos semelhantes e seguidos de ataques explícitos às leis de fomento à cultura. Nesse mesmo período, um incêndio atinge um dos galpões da Cinemateca Brasileira, localizada em São Paulo, como resultado do descaso com o patrimônio cultural. Finalmente, o MinC é recriado em 2023, no início do terceiro mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, sob chefia da ministra da cultura, Margareth Menezes, como parte do processo de reconstrução, fortalecimento e exaltação da cultura nacional e retomada dos investimentos no setor.

Diante das questões e do percurso sobreditos, as experiências que serão relatadas decorrem de atividades iniciadas em sala de aula, com turmas de educandos do oitavo ano do Ensino Fundamental e que resultaram em uma instalação midiática no âmbito de um cineclube escolar, como uma resposta possível à lei 13.006/14. Trata-se, evidentemente, de um recorte específico e de uma atividade pontual no qual foi trabalhado o conceito de corpo nas aulas de ciências, pois as experiências se renovam de acordo com os desafios apresentados ao longo da prática docente.

## **PERCURSOS DE UM CINECLUBE ESCOLAR**

Em 2011, ao ingressar como professor de Ciências pela rede pública Municipal de Charqueada, no interior do estado de São Paulo, inicio o trabalho com o cinema na escola. Convém informar que a cidade não dispõe de salas de cinema, uma realidade retratada nos dados da Agência Nacional do Cinema (Ancine)<sup>1</sup>, em 2019, nos quais o Brasil contava com 5.109 municípios desprovidos de salas de cinema.

---

<sup>1</sup>MARCHESINI, Lucas. Quase 90 milhões de brasileiros vivem em cidades sem cinema. Disponível em: <https://www.metropoles.com/entretenimento/cinema/quase-90-milhoes-de-brasileiros-vivem-em-cidades-sem-cinema>. Acesso em: 16 maio 2024.

Neste contexto, observa-se a relevância da criação de um cineclube escolar no processo de ampliação do repertório cultural dos educandos.

Organizo as experiências iniciais com cinema e educação em três categorias: I) ilustração, II) linguagem e III) criação. A saber:

I) ênfase na ilustração: seleção de filmes que pudessem dialogar com temas do currículo de Ciências, exibindo-os no contraturno, promovendo debates temáticos. Potencializava o debate, mas ignorava o tempo de reverberação das ideias na elaboração das subjetividades. Limitava o cinema à condição de recurso ilustrativo.

II) ênfase nos elementos pertinentes à linguagem cinematográfica: algumas cenas eram revisitadas e analisadas sob esta perspectiva, priorizando a identificação de recursos utilizados na captação das imagens e na constituição das narrativas. Nesse sentido, a atenção era direcionada para a presença de objetos em segundo plano, o corte brusco de uma sequência, a presença ou ausência de trilha sonora, a possibilidade de identificar os sons ambientes, o posicionamento e a movimentação da câmera, o jogo de planos e ângulos, a paleta de cores e a possível intencionalidade do diretor.

III) ênfase na criação: organização e realização de oficinas de micronarrativas fílmicas por meio de dispositivos, pensando na educação para a sensibilidade a partir da potência das imagens e seus atravessamentos, considerando a vertente artística do fazer cinema.

Nessas experiências, dispositivos são “exercícios, jogos, desafios [...], um conjunto de regras para que o estudante possa lidar com os aspectos básicos do cinema e [...] se colocar, inventar com ele, descobrir sua escola, seu quarteirão, contar suas histórias” (Migliorin, et al., 2014, p. 22). Para Migliorin (2015, p. 78), o dispositivo implica em duas linhas que se complementam: “uma de extremo controle, regras, limites” e “outra de absoluta abertura”. Logo, o cinema na escola, carrega em si um “quê” de subversão.

Foram muitos os momentos de criação, sem descartar as relações possíveis enunciadas anteriormente (nos itens I e II), mas conduzido pelo questionamento efetivo acerca do potencial da imagem. Neste sentido, de acordo com Medeiros (2012).

[...] a imagem em movimento do cinema [...] nos faz entrar em outra dimensão espaço-temporal, criando um jeito novo de conhecer só possível através do olho da câmera de cinema: a escrita da imagem cultiva um novo regime de sensibilidade. O movimento [...] não está na evidência das imagens moventes na tela. [...] o que dá a ver é o caráter virtual da imagem. [...] o atravessamento do que nela não está e não pode ser dado. O que toca nossa sensibilidade [...] é essa franja de indeterminação que, em cada imagem ou sequência fílmica, reinventa o tempo e se configura

como princípio ontológico que permite considerar que o cinema é forma do tempo e implica a organização do espaço-tempo em *acontecimento* (MEDEIROS, 2012, p. 46-47, grifo do autor).

A criação do cineclube foi concretizada em 2012. Inicialmente os encontros ocorriam na biblioteca da escola, no contraturno. Em 2014, fixou-se em um espaço permanente, priorizando não apenas as sessões seguidas de debates, mas também as oficinas de criação a partir dos dispositivos de cinema, sobretudo o “Minuto Lumière”.

Em síntese, o dispositivo “Minuto Lumière” faz alusão às imagens produzidas pelos irmãos Lumière, nos primórdios do cinema. Como proposta, os educandos utilizavam câmeras ou celulares e realizavam planos de um minuto, ininterruptos e com os instrumentos de captação estáticos.

## **PARA ALÉM DO “MINUTO LUMIÈRE”: O CORPO REVISITADO**

As atividades contempladas nesse relato foram realizadas no contexto das aulas regulares de Ciências, resultando na culminância intitulada “[Corpo]: palavra que pulsa”, uma instalação midiática. A instalação foi idealizada e concretizada por educandos de uma turma de 8º ano do Ensino Fundamental, e utilizaram o espaço do cineclube em uma unidade escolar da rede pública municipal da cidade de Charqueada.

A proposta surge como desdobramento de uma inquietação apresentada por uma educanda durante o estudo do Sistema Nervoso. Incomodada com a segmentação dos corpos no livro de ciências, lançou mão da pergunta que serviria de referência para as demais aulas: há outro modo de estudar o corpo humano? Evidentemente, a resposta foi “sim”.

A aula seguinte contou com um momento de mediação de leitura da obra “Anatomia afetiva de bolso”, do artista Ricardo Rodrigues. Trata-se de um livro de arte, de tiragem baixa, produzido sob encomenda pela editora de autopublicação “Experimentos Impressos”. Em síntese, um diário visual composto por colagens e poemas que dialogam com a temática “afeto e desafeto” a partir do rompimento amoroso. A escolha da obra se deu em função do modo sensível com que aborda a temática e, ainda, pela possibilidade de discutir, a partir dela, os mecanismos sinápticos que compreendem a fisiologia da paixão. Durante as aulas, foram desenvolvidas as seguintes atividades:

I) leitura e troca de impressões sobre a obra: a) por contar apenas com um exemplar, num primeiro momento o livro físico circulou entre os educandos; b) a leitura coletiva se tornou possível com a digitalização integral dos textos, seguida de projeção, possibilitando assim uma outra experiência sensorial, associada à ampliação do texto no ecrã; c) a etapa foi finalizada com a socialização das experiências de leitura.

II) realização de colagens pelos educandos: a) os educandos foram orientados a produzirem colagens que dialogassem com a leitura realizada anteriormente, tendo como temática geradora “O corpo revisitado”; b) por tratar-se de um atividade de fácil realização, a produção das colagens se deu de maneira individual, utilizando, como únicos materiais, papel, recortes de revistas e cola; c) essa etapa foi concluída com a apreciação das produções dos colegas e posterior construção de um painel coletivo.

III) curadoria de textos literários: a) o professor selecionou alguns textos de Manoel de Barros e Carlos Drummond de Andrade que dialogassem com a temática; b) os textos foram apresentados aos educandos, que fizeram a leitura dos mesmos, tendo escolhido o poema “O amor bate na aorta” de Carlos Drummond de Andrade, que dialogava com a leitura inicial realizada na etapa I.

IV) projeção de filmes: a) exibição de excertos do documentário “Consideração do poema: leituras de Drummond” (2012), dirigido por Eucanaã Ferraz, Gustavo e Flávio Rosa de Moura, “A história da eternidade” (2014), de Camilo Cavalcante e “Poema sobre o corpo” (2016), organizado pelos alunos do “Ateliê em corpos, tempos e espaços”, da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), também em consonância com a temática “O corpo revisitado”; b) projeção em acetato dos registros anatômicos da obra “*De humani corporis fabrica libri septem*”(1543), de Andreas Vesalius e fotografias da exposição “*Human bodies - the exhibition*”, organizada pela empresa europeia Musealia ; c) análise dos registros de Vesalius e das fotografias da exposição supracitados, fazendo um paralelo com a evolução da Anatomia.

V) apresentação de dispositivos de cinema: a) além do dispositivo “Minuto Lumière”, conhecido pelos educandos em outras ocasiões, o professor também apresentou o dispositivo “Cores e texturas<sup>2</sup>”; b) a partir da combinação de ambos, os estudantes produziram, em duplas, micronarrativas nas quais evidenciaram a pluralidade de corpos

---

<sup>2</sup> Consiste, segundo Migliorin et al. (2014, p. 59) na criação de um inventário de cores e texturas dos participantes; intensificar a percepção da variedade de peles e marcas corporais; fragmentos de corpos e suas singularidades mínimas (pintas, marcas de expressão, cicatrizes, tatuagens).

presentes no espaço escolar; c) as micronarrativas foram exibidas em uma das sessões do cineclube, seguidas pelas impressões e desafios enfrentados durante o processo de captação das imagens.

VI) organização da instalação “[Corpo]: palavra que pulsa”: a) reunião dos excertos filmicos apresentados nas aulas e dos materiais produzidos pelos educandos nas etapas supracitadas, especificamente, o painel de colagens e as micronarrativas unidas em uma única sequência filmica; b) reorganização do espaço do cineclube para receber a instalação, incluindo o uso de três projetores, um retroprojetor de acetato, caixas de som e a instalação de dois varais para suspender os ecrãs (o painel de colagens e uma cortina de cor branca feita de tecido não tecido, popularmente conhecido por TNT).

VII) culminância e abertura à visitação: a) a primeira sessão atendeu aos estudantes envolvidos na idealização e realização do trabalho; b) a disposição dos varais no formato de “V” criou a ilusão de um funil, indicando de modo intuitivo os caminhos possíveis para exploração da instalação; c) os excertos filmicos e as micronarrativas foram projetados simultaneamente sobre os ecrãs, cujas texturas possibilitaram diferentes modos de percepção das imagens em movimento; d) enquanto os estudantes andavam pelo circuito, aproximando-se ou afastando-se dos alto-falantes, que reproduziam o sons sistólicos e diastólicos, os registros de Vesalius impressos em acetato eram projetados no teto por meio do retroprojetor.

A instalação construída pelos estudantes sob orientação do professor permaneceu aberta à visitação durante três semanas, contemplando todos os educandos da unidade escolar e de outras instituições, como pode ser observado na Figura 1.

**Figura 1** - Instalação [Corpo]: palavra que pulsa



Fonte: Acervo pessoal.

É válido mencionar que o trabalho descrito nas etapas anteriores e que culminou na montagem da instalação foi realizado no ano de 2019, que precedeu o início da pandemia de Covid-19. No processo de reabertura e retomadas das aulas pós-pandemia, o cineclube foi desativado, dando lugar a uma sala de aula para realocar uma turma de outra unidade escolar que passava por reforma nesse período.

As atividades do cineclube não foram totalmente interrompidas, pois continuaram ocorrendo durante as aulas de ciências. Entretanto, o desmonte da estrutura do cineclube e a não configuração de um espaço permanente para a mesma, demonstram as fragilidades e desafios enfrentados na implementação e manutenção de propostas que contemplem a relação cinema e educação, tampouco o diálogo com a lei 13.006/14.

Desvelar o conceito de corpo através da produção e da análise de imagens configura-se como uma tarefa significativa e afetiva, pois tensiona a concepção de corpo comumente apresentada nos livros didáticos - corpo biológico, acultural, ahistórico, assexuado, hegemônico, padronizado - concepção também suscitada na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que serve de base para a elaboração dos currículos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma vez reconhecida a relevância da relação cinema e educação, este relato apresentou uma possibilidade de abordagem da temática corpo para além dos discursos biológicos

apresentados nos livros didáticos e documentos oficiais que norteiam a elaboração dos currículos. Para tanto, foi apresentado aos estudantes o conceito de dispositivo de cinema, leituras e imagens sobre a temática, de modo a construir um repertório sobre o qual pudessem criar suas próprias representações acerca do corpo. Observa-se, ainda, uma nova valorização do cinema na escola, especificamente a partir da passagem ao ato criativo. A proposta apresentada vai além da utilização do cinema como ilustração, mas dialoga com questões estéticas e escolhas, próprias do fazer cinema. Nela, o educando não apenas se constitui como um receptor de imagens prontas, mas é alçado à posição de produtor das próprias imagens com potencial de cinema, contemplando também aspectos artísticos e culturais, criando por meio delas uma relação de pertencimento e representatividade. Não se trata, evidentemente, de romper com tradições consolidadas, mas de estabelecer possíveis diálogos entre elas e novas formas de pensar o ensino de ciências a partir do cinema.

A partir de uma sequência de atividades que incluíram a apreciação de filmes e textos literários, a realização de colagens, e a construção de micronarrativas a partir dos dispositivos apresentados, os estudantes construíram uma instalação intitulada “[Corpo]: palavra que pulsa”. A instalação constituiu-se em uma experiência sensorial e imersiva, multimidiática e interdisciplinar, que contribuiu para o engajamento, o protagonismo e autonomia dos estudantes e também do professor, trazendo reflexos para a sala de aula, uma vez que demonstraram-se mais interessados e participativos nas discussões, além de contribuir para o autoconhecimento e novas percepções acerca da diversidade de corpos, de si e do outro.

É válido mencionar que as inúmeras possibilidades conferidas pelo cinema na escola, não substituem o trabalho do professor enquanto mediador das aprendizagens. Ao contrário, espera-se que as experiências aqui compartilhadas possam inspirar outros educadores no desenvolvimento de suas práticas, apesar dos inúmeros entraves inerentes ao trabalho docente, como a precarização da carreira, com baixos salários e jornadas de trabalho extenuantes, falta de incentivo para formação continuada ou não valorização da mesma, bem como o curto tempo destinado ao planejamento das aulas durante a jornada, sobre nas atividades de trabalho pedagógico coletivo, comumente ocupadas com questões de ordem burocrática.

## REFERÊNCIAS

ARAUJO, Inácio. **Cinema: o mundo em movimento**. São Paulo: Scipione, 1995.

BERNADET, Jean-Claude. **O que é cinema**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BRASIL. Fundação para o Desenvolvimento da Educação. **Projeto “O Cinema vai à Escola”**. Governo do Estado de São Paulo, 2008. Disponível em: <https://culturaecurriculo.fde.sp.gov.br/Cinema/Cinema.aspx>. Acesso em: 16 maio. 2022.

BRUZZO, Cristina. Filme “ensinante”: o interesse pelo cinema educativo no Brasil. **ProPosições**, Campinas, v. 15, n. I (43), jan./abr. 2004. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/2233/43-artigos-bruzzoc.pdf>. Acesso em: 16 maio 2024.

COSTA, Flávia Cesarino. **O primeiro cinema: espetáculo, narração, domesticação**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2005.

\_\_\_\_\_. Primeiro cinema. *In*: MASCARELLO, Fernando (org.). **História do cinema mundial**. Campinas, SP: Papirus, 2006. cap. 1, p. 17-52.

FRESQUET, Adriana; MIGLIORIN, Cezar. Da obrigatoriedade do cinema na escola, notas para uma reflexão sobre a lei 13.006/14. *In*: FRESQUET, Adriana (Org.). **Cinema e Educação: a lei 13.006/14: reflexões, perspectivas e propostas**. Belo Horizonte: Universo Produção, 2015.

KEMP, Philip. **Tudo sobre cinema**. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.

KNIGHT, Arthur. **Uma história panorâmica do cinema: a mais viva das artes**. Rio de Janeiro: Editora Lidador, 1970.

MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

MEDEIROS, Sérgio Augusto Leal de. **Imagens educativas do cinema/possibilidades cinematográficas da educação**. 2012. 247 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa

de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora. 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/1755>. Acesso em: 16 maio 2024.

MIGLIORIN, Cezar. et al. **Inventar com a diferença: cinema e direitos humanos**. Niterói: Editora da UFF, 2014.

MIRANDA, Carlos Eduardo Albuquerque; COPPOLA, Gabriela Domingues; RIGOTTI, Gabriela Fiorin. A educação pelo cinema. **Sétima Arte**, Belo Horizonte, 2006. Disponível em : [setimaarte.fae.ufmg.br/images/pdf/miranda-cea-educ-cinema1.pdf](http://setimaarte.fae.ufmg.br/images/pdf/miranda-cea-educ-cinema1.pdf). Acesso em: 16 maio 2024.

PACHECO, Raquel. Reflexões sobre o campo do cinema e educação. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 47, jan./mar. 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24581/17561>. Acesso em: 16 maio 2024.

PAIXÃO, Pablo Boaventura Sales; BARROSO, Rita de Cássia Amorim; FREIRE, Valéria Pinto. A escola nova e o cinema educativo: educação para quê? **V Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”**: 2011 set. 21-23; São Cristóvão, SE; 2011. Disponível em <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/10511/5/20.pdf>. Acesso em 16 maio 2024.